

Jerônimo Osório: Antes e Depois do Antimaquiavel

Luís Gustavo Mandarano¹

[luisgustavomandarano@hotmail.com]

Resumo

Estudando-se a recepção das idéias de Nicolau Maquiavel na Ibéria seiscentista, vemos emergir a figura do bispo português Jerônimo Osório, o primeiro a criticar textualmente as obras do florentino. As idéias de Maquiavel fizeram tremer a Europa do século XVI, levando políticos, religiosos e intelectuais a intermináveis discussões e causando um estrondo ensurdecador, cujos ecos podem ser ouvidos ainda em nossos dias. Ainda antes dos livros do secretário de Florença estarem no *Index* dos livros proibidos pela Igreja, a pena do bispo Osório já trabalhava contra ele. O objetivo deste artigo é apresentar a vida do religioso Jerônimo Osório e discutir seu duro alerta contra as idéias de Maquiavel ainda na primeira metade do século XVI.

Palavras-chave: Jerônimo Osório, Maquiavel, Renascimento e Ibéria.

Abstract

Researching into the Iberian response to Machiavelli's ideas reveals that the Portuguese bishop Jeronymo Osorio was the first to criticize, in writing, the ideas of the former. Machiavelli's ideas made sixteenth century Europe quake, generating endless acrimonious debate and so causing a deafening roar whose echoes can still be heard today. Even before the moment when the Florentine's books were in the Catholic Index of forbidden books, Osorio's pen were already working against him. My intention with this work is to present Jeronymo Osorio's life and analyze his strong alert against Machiavelli's ideas in the sixteenth century.

Keywords: Jeronymo Osorio, Machiavelli, Renascence and Iberia.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

“Também em Portugal assim aconteceu. Foi dos arraiais da Teologia que partiu a grande crítica inicial – a de Jerônimo Osório. Esta crítica situou-se precisa e significativamente no campo estrito da Religião”.
Martim de Albuquerque

Introdução

Da obra *The Counter-Reformation Prince. Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern History*², do autor norte-americano Robert Bireley, vemos surgir uma série de nomes que se levantaram contra os escritos de Nicolau Maquiavel durante os séculos XVI e XVII. O autor, contudo, não considera boa parte destes homens antimaquiavélicos. Para Bireley, antimaquiavélico seria somente aquele que, além de ter criticado os escritos de Maquiavel, tivesse apresentado uma proposta de organização política e administração do Estado diferente daquela defendida pelo florentino.³

Considerando-se que compartilho de tal formulação, pode se perguntar qual seria meu interesse ao me aprofundar no pensamento do bispo Jerônimo Osório, quando é sabido que este, num primeiro momento, não poderia se enquadrar no conceito de antimaquiavélico proposto por Bireley. Para começar a responder a tal questionamento, analisemos o que Bireley nos fala sobre Osório: há três nomes que, de forma aberta, “tomaram armas” contra Maquiavel durante o período entre a publicação de suas obras na Itália, no início da década de 1530, e a condenação destas pelos tribunais da Igreja em 1559. Eles seriam o cardeal Reginald Pole, o bispo Jerônimo Osório – que haviam vivido na Itália –, e o humanista italiano e posteriormente bispo Ambrogio Caterino Politi. Os três teriam compreendido bem e de forma pioneira o desafio que Maquiavel trazia para a Cristandade, mesmo não tendo tido contato com suas obras por completo. Bireley destaca que: “Eles se focaram em elementos de seu pensamento [do pensamento de Maquiavel] aos quais os antimaquiavélicos subsequentemente retornariam.”⁴

Ora, a obra de Osório está por certo entre aquelas que iniciavam uma reação que, depois do *Index* de 1559, seria reafirmada e aprofundada pelos chamados antimaquiavélicos. À medida que lia e relia seus escritos, me perguntava se não teria sido ele, um português, o primeiro desses

² Robert BIRELEY, *The Counter-Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern History*.

³ Ibid., p. 13.

⁴ Ibid., p. 14.

antimaquiavélicos. Além disso, tendo sido publicado em 1542, *Os Tratados da Nobreza Civil e Cristã* foi a primeira obra impressa a conter ataques diretos ao secretário e suas concepções. Mesmo os ataques de Pole e Politi se deram depois deste de Osório. Sendo assim, de Portugal teriam surgido as primeiras críticas veementes aos escritos de Maquiavel. O objetivo deste artigo é destacar a vida do autor dessas críticas e buscar aprofundá-las através da apresentação dos trechos das obras de Maquiavel aos quais se refere o bispo português.

Não estão, contudo, somente nos escritos de Robert Bireley as justificativas para o destaque que venho dar ao bispo Osório em meu texto. Uma outra motivação seria tão importante quanto esta primeira:

Se hoje o nome do último Bispo de Silves não acorda qualquer ressonância, é porque à desalmada ciência se deve o esquecimento daqueles valores humanos, nos quais Jerônimo Osório Júnior estribava a sobrevivência da fama do tio: “E ele, embora repouse sob uma pouca terra, será lembrado enquanto se venerarem os valores do Homem, pois legou tão grandes monumentos de saber, quais nunca poderá destruir a injúria do esquecimento.” (Vida de Jerônimo Osório, Português)⁵

Desta forma A. Guimarães Pinto conclui o prefácio da edição de 1996 dos *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*⁶ de Jerônimo Osório, obra onde encontramos as críticas ao florentino. Discutir o porquê do esquecimento do pensamento do bispo não é um de meus objetivos. Concordar sobre o fato é, contudo, inevitável. Poucos são os manuais que citam seu nome e, quando este surge, as discussões sobre o mesmo acabam não se alongando por mais de algumas linhas. Uma das teorias que Guimarães Pinto levanta é a de que o nome de Osório tenha se esfacelado juntamente com Portugal nos séculos subseqüentes. Tendo a biografia de Osório, composta por seu sobrinho, sido escrita ainda no século XVI,

⁵ A. Guimarães PINTO apud D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 19 (Bosquejo Pessoal de uma Interpretação de Jerônimo Osório). A obra acima citada, em sua edição de 1996 é composta da seguinte forma: O “Bosquejo Pessoal duma Interpretação de Jerônimo Osório” e uma “Introdução aos *Tratados da Nobreza*”, escritos por A. Guimarães Pinto; a “Vida de Jerônimo, português”, escrita por seu sobrinho de mesmo nome; e, finalmente, os “*Tratados da Nobreza Civil e Cristã*”, publicados originalmente em 1542.

⁶ D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*.

parece-me que o pensamento do bispo de Silves já não tinha muita reluzência em fins do século do Renascimento. Trazê-lo de volta pode contribuir para os estudos do pensamento lusitano da “Idade do Ouro”.

1. Hieronymi Osorii Lusitani Vita

[...] Defensor estrênuo da ordem católica, a obra de Osório tira sua originalidade dos novos factores que tinham vindo pôr em perigo essa ordem e contra os quais se insurgirá com ciência e eloquência. Esses inimigos eram Lutero no domínio teológico e Maquiavel no domínio político.⁷

Jerônimo Osório nasce em Lisboa em 1506. Seu pai, João Osório da Fonseca, viaja para a Índia, como ouvidor-geral, quando Osório tinha dez anos, e toda a família o teria acompanhado se não fosse pela proibição de Vasco da Gama, que não queria crianças em suas naves. O futuro bispo fica assim em Lisboa e começa a ser educado por sua mãe. Notando a habilidade de Osório com as letras, a mãe o envia, aos treze anos, para Salamanca, onde aprende, através do estudo dos oradores, grego e latim. Não somente inclinado às letras, Osório igualmente se interessava pela arte da guerra. Por mais de uma vez, fez voto de ingressar em ordens militares cristãs. Para ele, a guerra contra os inimigos da Cristandade era, em si, justificável. Cuidava assim da saúde de seu corpo visando estar sempre apto às possíveis situações pouco favoráveis encontradas em um contexto de guerra.

Durante o tempo em que buscava terminar seus estudos de Direito, pensando em talvez seguir para Rodes, onde faria parte da Ordem Militar de São João, Osório aprofunda sua religiosidade e, após fazer seu voto perpétuo de castidade de corpo e alma, retorna a Lisboa com dezenove anos, na ocasião da morte de seu pai. Atendendo ao pedido de sua mãe, desiste da vida militar e se entrega de vez às letras e à religião. Vai para Paris, onde aprende Filosofia Natural e a Dialética de Aristóteles. Segundo seu sobrinho, autor da principal biografia que encontrei, carregava o epíteto de “Filósofo de Paris”, e passava os

⁷ A. J. da Costa PIMPÃO apud D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 15 (Bosquejo Pessoal duma Interpretação de Jerônimo Osório).

dias na convivência de outros homens também ligados ao conhecimento, com quem travava diferentes embates sobre Filosofia e Política. Nessa altura, Inácio de Loyola também se encontrava em Paris, acompanhado daqueles que, com ele, fundariam a Companhia de Jesus. Osório e Loyola se tornaram grandes amigos e, apesar de não ter se vinculado aos jesuítas, o futuro bispo, em ocasião posterior, recomendaria ao Rei D. João III que trouxesse para Portugal alguns membros dessa Ordem, pela qual guardava admiração.

Osório retorna a Portugal para resolver problemas pessoais e, posteriormente, visando à continuação de seus estudos, se dirige a Bolonha, onde provavelmente tem seu primeiro contato com a obra de Maquiavel. Para o escritor português Martim de Albuquerque, “cumpre [...] atentar na probabilidade de Osório haver lido as principais obras de Maquiavel durante a sua primeira permanência na Itália.”⁸ O fato é que os *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* foram impressos em 1531; *O Príncipe*, em 1532; e o futuro bispo de Silves teria estudado Teologia em Bolonha até seu regresso à pátria entre 1538 e 1542. A proximidade cronológica e uma certa retumbância das obras de Maquiavel naquele momento fazem tanto Bireley quanto Albuquerque acreditarem ser difícil que o contato de Osório com tais livros tenha se dado em qualquer outro tempo, mesmo não havendo provas documentais para o fato.

Problemas particulares lhe proporcionam um novo regresso a Portugal. É recebido por D. Luís, filho do Rei D. Manuel. D. Luís será figura das mais importantes na vida do futuro bispo de Silves. Para ele, inclusive, serão dedicados os *Tratados da Nobreza*, pois, somente devido à sua intervenção, Osório pôde retornar a Bolonha e reatar seus estudos. Os *Tratados* são escritos quando Osório tinha menos de trinta anos e causam excelente impressão em “homens sábios” daqueles tempos – dentre eles o Cardeal Reginald Pole, também apontado por Robert Bireley como um dos precursores do antimachiavelismo. A edição dos *Tratados* da qual me utilizo é baseada em uma ampliação feita por Osório no início da década de 1550. As mudanças e enriquecimentos de análise teriam sido fruto do contato entre o futuro bispo português e Reginald Pole,⁹ a

⁸ Martim de ALBUQUERQUE, *A Sombra de Maquiavel e a Ética Tradicional Portuguesa*, p. 72.

⁹ Robert BIRELEY, *The Counter-Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern History*, p. 15.

quem Osório dedicaria sua obra *Acerca da Justiça Celeste*. O cardeal morreria, contudo, antes da conclusão do livro.

Jerônimo Osório é convidado pelo Rei D. João III, irmão de D. Luís, a retornar a Portugal e se dirigir a Coimbra onde este rei havia fundado “uma ilustre escola de todas as ciências”. Em Coimbra, ele compõe mais duas obras em latim, língua pela qual guardava admiração. Foram elas *Sobre a Glória* – baseado em escritos de Cícero –, e *Sobre a Ensino do Rei*. Deixa Coimbra rumo à corte, onde desempenharia a função de tutor de D. Antônio, filho de D. Luís. A morte desse último, todavia, faz com que Osório deixe a corte e se retire para a Igreja de Tavares. Reclamava que, com a morte do príncipe, “haviam-lhe tirado seu único ouvinte e que, assim, ter-lhe-iam imposto o silêncio.”¹⁰

Todavia, sua estreita relação com a política e os “negócios do reino” o levaria de volta à corte, desta vez para auxiliar D. Sebastião. As pressões de outros membros do governo português lhe fazem, contudo, entregar o cargo e retornar, com a autorização do rei, à sua diocese. Entendendo que sua majestade estava então cercada de interesseiros e homens perigosos, Osório lhe dedica uma de suas obras: o espelho de príncipes *Sobre a Ensino do Rei*, que teria sido escrita anos antes, mas seria, no entendimento do bispo, de grande utilidade naquele momento. Através da obra, Osório buscava principalmente convencer D. Sebastião a desistir da guerra na África, da qual receava que o rei pudesse não sair vitorioso. Seus conselhos se encontram entre “o leão e a raposa”¹¹:

De facto, achava que antes de mais era necessário que D. Sebastião tivesse filhos, por via dos quais Portugal se mantivesse livre de quaisquer assomos de guerra civil e sedições; que ajuntasse recursos, com que pudesse abastecer o exército por prazo dilatado; **que esperasse a guerra civil entre os Africanos e, com habilidade, a favoreasse e alentasse com ajudas, para que se prejudicassem uns aos outros de tal forma que, ao cabo, depois de debilitados com a**

¹⁰ Jerônimo OSÓRIO (sobrinho) apud D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 38 (Vida de Jerônimo Osório, Português).

¹¹ O leão e a raposa são animais comparados por Maquiavel a governantes e classicamente reconhecidos das páginas de *O Príncipe*.

dissenções internas, fosse negócio fácil rendê-los à sua sujeição
(grifo meu).¹²

Bireley afirma que, quando os antimaquiavélicos se punham a falar de política, muitas vezes recitavam os versos de Maquiavel travestidos de Tácito ou Aristóteles.¹³ Quentin Skinner em sua obra *Maquiavel*¹⁴ aponta que os jesuítas buscavam negar o florentino se utilizando das próprias armas maquiavélicas.¹⁵ Martim de Albuquerque clama pela existência de duas *razões de Estado*. Parece-me que as opiniões de Osório que acima exponho poderiam facilmente estar nas páginas de Maquiavel – o que representa mais uma coincidência entre o trabalho do bispo e os escritos posteriores dos antimaquiavélicos.

Mais que a Maquiavel, todavia, quem Osório muito nos remete com suas “ensinanças” ao rei é o Padre Antonio Vieira, quem faria função muito parecida ao aconselhar D. João IV no século XVII. É sabido que Antônio Vieira apresentava várias premissas baseadas em uma específica *razão de Estado* em seus escritos políticos. Sugeria, por exemplo, ao rei de Portugal – em seu *Papel que fez o Padre Antônio Vieira a favor da entrega de Pernambuco aos Holandeses* – que cedesse Pernambuco aos Holandeses, contrariando a palavra outrora dada a seus súditos, quando lhes garantira socorro e sustento; esperando, todavia, o momento adequado, em que o aparato bélico lusitano estivesse mais fortalecido, para, aí sim, tomar de volta as terras.

[...] porque aqueles portugueses dizem, se levantaram por ordem de vossa majestade, e com promessa de que vossa majestade os socorreria e sustentaria. Responde-se, que não consta de tal promessa de vossa majestade, e em caso que a houvesse, não tem vossa majestade obrigação de a cumprir, com pôr em risco toda a monarquia. [...] Desta maneira damos Pernambuco aos Holandeses, e não dado, senão vendido pelas conveniências da paz, e não vendido para sempre, senão a retro aberto, para o tornarmos a tomar com mesma facilidade,

¹² Jerônimo OSÓRIO (sobrinho) apud D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 51 (Vida de Jerônimo Osório, Português).

¹³ Robert BIRELEY, *The Counter-Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern History*, p. 27.

¹⁴ Quentin SKINNER, *Maquiavel*.

¹⁵ Quentin SKINNER, *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, p. 449.

quando nos virmos em melhor fortuna: que agora é querer perder isto e o demais.¹⁶

Maquiavel, de forma similar, clamava que: “[...] um príncipe prudente não pode nem deve manter a palavra dada quando isso lhe é nocivo e quando aquilo que a determinou não mais exista.”¹⁷ Os textos de Osório, Vieira e Maquiavel apresentam uma interessante continuidade. Seria realmente a língua da política uma só?

Insatisfeito com a situação do reino e crendo haver focos diversos de intrigas contra seu nome, o bispo Osório resolve partir para Roma, visando a cumprir suas obrigações para com a religião. É recebido pelo papa Gregório XIII e, após visita ao túmulo dos apóstolos, é informado por carta sobre mil agrados que o Cardeal D. Henrique, chefe da Igreja em Portugal, e o próprio rei D. Sebastião lhe ofereciam para que retornasse à pátria. Osório deixa assim Roma sob os rumores de que seria nomeado Cardeal, caso ficasse, e, logo que chega a Portugal, vê o rei saindo para a expedição que terminaria em Alcácer Quibir, sua última batalha na África. Sobre a morte de D. Sebastião, Osório escreve:

– Sempre me pareceu que dessa expedição africana havia de resultar grande malefício para o nosso país, mas nunca cuidei que o Rei viesse a morrer, juntamente com o total desbarato de todo o exército. “Príncipes da terra, aprendei a justiça!”, diz Salomão – quem nos ocasionou esta assolação e quase ruína do nosso nome, não foram os Mouros, mas a injustiça e desmandos que já há muito se apossaram de Portugal. “Glorificarei, Senhor, a Tua misericórdia e a Tua sentença, pois quando castigas os culpados, concede também os quinhões maiores da Tua imensa misericórdia!”¹⁸

Após a morte do rei – ainda com vinte e quatro anos e sem herdeiros diretos – Portugal se vê sobre a tutela de D. Henrique, tio-avô de D. Sebastião,

¹⁶ Padre Antônio VIEIRA, Papel que fez o Padre Antônio Vieira a favor da entrega de Pernambuco aos Holandeses. In: Padre Antônio VIEIRA, *Sermões*, p. 342, 352.

¹⁷ Nicolau MAQUIAVEL, *O Príncipe*, p. 110.

¹⁸ D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 116. (*Tratado da Nobreza Civil*), p. 58.

cardeal e ex-inquisidor. D. Sebastião havia recebido a coroa aos três anos, mas só assumiria o trono de fato aos quatorze. Esses onze anos de regência, que aguardavam a tomada do poder por parte do rei, foram marcados pelo crescimento de intrigas e disputas dentro da corte portuguesa. Quando do incidente de Alcácer Quibir, essas disputas ainda não tinham se resolvido e, quando D. Henrique morre em 1580, Felipe d’Espanha invade Portugal e dá início à União Ibérica, que perduraria até 1640. Este tempo, que se inicia com o término da soberania portuguesa, representava um triste fim para um reino que havia iniciado o século como o pioneiro de uma nova era. A necessidade de se criar mitos, heróis, enfim, elementos que mantivessem a memória dos tempos áureos portugueses fariam de D. Sebastião uma espécie de messias, cuja volta era ansiosamente aguardada pelos lusitanos. O sebastianismo tornou-se a tônica de um tempo de incerteza em Portugal.¹⁹

Após a morte do rei e a insistência de Osório de que o melhor futuro para Portugal seria a entrega do reino a D. Felipe, monarca espanhol, uma possível rebelião levaria o bispo às pressas de volta ao Algarve. Tal pressa fez com que não viajasse com todo o cuidado que costumava ter, e complicações de saúde provocadas pela infecção de um ferimento o levaram, para repouso, ao Convento de São Francisco, de onde não mais sairia. Terminaria febril a vida do religioso que viveu Portugal em sua “Idade do Ouro” e que, acima de tudo, aconselhou monarcas durante boa parte de sua vida para que essa Idade perdurasse.

Homem deveras piedoso, com grande zelo da glória de Deus, extraordinário defensor da fé cristã, excelente teólogo, de não ordinária suficiência nas demais disciplinas, só sobrepujado por Cícero na eloquência, honra da sua pátria, à qual sempre subordinou os seus interesses particulares, amante da verdade, de todo infenso ao medo e à ambição, e cobiçoso apenas da verdadeira glória – faleceu aos 74 anos de sua idade, no dia 20 de Agosto do ano da Salvação de 1580.²⁰

Morrendo em 1580, Osório teve tempo o suficiente para ver ao menos o início dos trabalhos dos antimaquiavélicos, aos quais, possivelmente, serviu de

¹⁹ Jacqueline HERMANN, *1580-1600 – O Sonho da Salvação*, p.13-34.

²⁰ *Ibid.*, p. 63.

inspiração. Partamos agora para a análise da obra em que o bispo pioneiramente ataca os escritos de Maquiavel – *Os Tratados sobre a Nobreza Civil e Cristã*.

2. Os Tratados da Nobreza

Assentindo plenamente com essas palavras, também creio não partir de premissa errada ao afirmar que toda a actividade de Osório se justifica, em última instância, como uma pugna, intransigente e varonilmente sustentada, contra os rostos visíveis do Mal, para ele configurados nos dois monstros demoníacos de divisionismo e individualismo, que se chamam Maquiavel e Lutero.²¹

Guimarães Pinto, 1996.

Concordando com Guimarães Pinto, ao falar-nos sobre *Os Tratados*, Albuquerque destaca que as afirmações do bispo Osório contra Maquiavel dão a Portugal a página inaugural de um imenso debate ideológico. Quando e como Osório chegara a Maquiavel não é possível saber precisamente. Albuquerque e Bireley afirmam haver teorias de que Osório nunca tenha lido Maquiavel e de que teria escrito suas críticas baseado em Ambrogio Politi.²² A propriedade com que o bispo critica as linhas do secretário não me deixa pensar assim. O mais plausível é realmente, como já expus, pensar que Osório tenha lido Maquiavel em sua primeira passagem por Bolonha. Retornando a Portugal, provindo de Bolonha, por volta do ano de 1540, ele logo depois publica os *Tratados*, dedicados a D. Luís.

As obras foram compostas separadamente. No *Tratado da Nobreza Civil*, Osório discorre sobre as virtudes e aptidões da nobreza –, e no *Tratado da Nobreza Cristã* – o autor trata de temas concernentes à religião, como os primeiros homens da Terra, segundo o Antigo Testamento Cristão; os grandes homens de toda a bíblia; e a Queda. A parte que se refere à nobreza civil foi dividida em dois livros e apresenta, entre outros tópicos, uma interessante discussão sobre a formação das sociedades políticas. Já os três livros da nobreza

²¹ A. Guimarães PINTO apud D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 14 (Bosquejo Pessoal de uma Interpretação de Jerônimo Osório).

²² Ambrogio Catarino Politi (1484-1553) foi um humanista italiano considerado também pioneiro nas críticas a Maquiavel. Tanto Martim Albuquerque quanto Robert Bireley confirmam esta relação entre os renascentistas.

cristã, além de conterem a anunciada crítica a Maquiavel, também nos trazem, bem moldada, a forma como Jerônimo Osório entendia o mundo.

Ao escrever o *Tratado da Nobreza Cristã*, o bispo de Silves se diz emocionado e, ao mesmo tempo, consciente de sua responsabilidade ao tratar “dos temas mais nobres sobre os quais um mortal pode se debruçar”, quais sejam, a piedade e religião cristãs, os santíssimos mistérios do povo cristão e, mais que estes, Deus Todo Poderoso. Para Osório, desses temas provém a verdadeira virtude. “Nenhuma nobreza é capaz de manter-se em sua firmeza, caso não se haja conhecido com profundidade a essência do sumo bem”.²³

Contudo, um ponto relevante da obra do bispo é um certo prezar pela racionalidade. Um prezar que acompanha o texto do início ao fim. Trata-se da específica racionalidade dos anos de ouro da Península Ibérica. A razão deve levar ao bem supremo. A virtude não é senão “o estado de perfeição dos meios conducentes ao último fim da vida”.²⁴ Sobre a razão:

Portanto, é graças à razão que, por vezes, nos indagamos, ou nos dobramos aos impulsos da clemência, ou somos arrastados pelo ódio, ou pelo amor, ou nos arreceamos de coisas provindouras, ou, presentes, ou nos inflamamos de zelo, enfim, nos regozijamos e exultamos.²⁵

Num primeiro momento, Osório discorre sobre diversos temas sem muita ordenação. O embate que inaugura uma das partes é a questão do corpo e da alma. Apesar de assíduo religioso, lemos que a vida de Osório sempre teve um certo diálogo com a guerra, o que o fazia dar mais valor ao corpo que a maioria dos demais religiosos. Sendo assim, o bispo entende o corpo como parte importante do ser humano e que deve ser devidamente cuidada, para a saúde dos dias terrenos.

Osório se adentra ainda em temas mais específicos. O primeiro deles é o Gênese. Seu Gênese é deveras platônico, uma vez que entende ter Deus primeiramente criado um mundo invisível, ilustrado por inteligências nobilíssimas.

²³ D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 137. (*Tratado da Nobreza Cristã*).

²⁴ *Ibid.*, p. 145.

²⁵ *Ibid.*, p. 148.

Posteriormente, com a força do Verbo, teria criado este mundo onde vivemos, mas inteiramente perfeito e formoso. Este mundo teria sido criado para o homem e para nenhum outro animal ou ser transcendental, uma vez que só o homem compartilhava das duas naturezas – a terrena e a infinita.

Toda a nobreza que não tiver seu berço nesta divina virtude, tenha muito embora uma aparência ilustre, não passa de ser vã e caduca, nem de modo algum a podemos condecorar com o título de genuinamente preclara. E não cabe qualquer dúvida de que a linhagem, na qual luziu uma semelhante espécie de virtude celeste, não tanto cumpre ajuizá-la como procedendo de raça humana, quanto nascida de origem divina.²⁶

A Queda representaria uma inflexão nessa relação estreita com Deus. O Homem, ao desobedecer a seu Criador, encaminha-Lhe um pedido para viver na Terra sem a Sua companhia. Daí, para Osório, se configura um momento de caos do qual só a “lustre casta dos nobres” conseguirá emergir e novamente trazer algum tipo de ordem. O homem só se veria livre dos males da Queda, após a vinda do Cristo, cujo sangue se derramaria para a salvação de todos.

Os escritos do bispo se encaminham para o Livro III, do qual emerge Maquiavel:

Houve até um certo perverso escritor, homem ímpio que, nuns livros escritos em italiano (nos quais tratou não só da história da sua cidade, mas também de muitas questões concernentes à organização da república) cuidou que não lhe cumpria esconder quanto pensava sobre a santidade de nossa religião. [...] Escreve ele que a religião cristã arruinou por completo no Império Romano aquela magnanimidade que luzia nos Antigos, e é de parecer que deve imputar-se esta santíssima religião do Deus Sumo e eterno a destruição da honra e da glória, e até o aniquilamento do brio militar. [...] Deixaria o morto em paz se não fosse tão grande o mal que agora tem causado com os seus corruptísimos escritos, quanto o foi o mal que outrora fez com uma

²⁶ Ibid., p. 161.

vida a todos os títulos desprezível. Mas, quando vejo que os escritos desse defunto doestam tão indignamente a nobreza cristã, não hesito em, adargado no apoio de Cristo, bater-me com o homem celerado. O que farei, não pelo gosto da peleja, mas para por raia à loucura e pecado de quantos padecem de igual cegueira da mente. [...] Espalhou largamente esta moléstia e inficionou a muitos com a gravidade de um mortal contágio. Antes de mais, pergunto: que se viu entre os nossos que possa em alguma maneira reputar-se como desprezível?²⁷

E assim começa a segunda parte do último livro de *Os Tratados da Nobreza Cristã*. É sabido que importantes homens do XVI, amigos de Osório, aconselharam o bispo a ter menos veemência contra o florentino. Os pedidos parecem não ter sido atendidos. Tanto o português João Matal quanto o aragonês António Augustin²⁸, ao lerem os manuscritos de Osório, sugeriram algumas mudanças às quais o bispo acatou de imediato, com uma exceção: amenizar as críticas a Maquiavel.

O texto acima é rico em informações que nos permitem algumas conjecturas. Em primeiro lugar, quando Osório se refere a “livros em italiano”, entende-se que o bispo teve acesso a mais de uma obra – *Os Comentários* e *O Príncipe* são os prováveis livros. Primeiro, por sua impressão recente na Itália, num tempo em que, como já expus, Osório se encontrava em Bolonha; segundo, pelo teor da crítica do bispo, que prosseguirei analisando. Como vimos, a vida de Osório sempre teve um diálogo com a guerra, mesmo que este prezasse centralmente pela Guerra Santa em prol da dignidade do povo cristão. Dessa forma, quando Maquiavel afirma que o sentimento cristão diminui os brios para a guerra, é certo que poucos pensadores se incomodaram mais que Osório. Por fim, quando o bispo diz que “espalhou largamente esta moléstia”, temos uma prova de que os escritos de Maquiavel, já na década de trinta do desesseis, encontravam significativa repercussão na Europa. O tom que Osório usa durante todo o tempo trata-se também de algo a ser destacado. Ele parece estar

²⁷ Ibid., p. 200-201.

²⁸ Ambos humanistas do século XVI. Matal era ligado a D. Henrique, líder da Igreja em Portugal; e Augustin foi arcebispo e jurista, tendo seu nome sempre vinculado ao Direito Canônico.

discutindo acaloradamente com o florentino, então já falecido. Prossegue Osório o seu ataque:

Desprezas tu esta doutrina, da qual nasceram tão ilustres documentos de arrojo? Hás-de sustentar que aparelha ânimos abjectos e remissos uma educação como esta, que dotou de incrível determinação até a apoucada natureza das fêmeas e a idade débil dos petizes, e que teve força para concitar ao amor da honra e da glória uma tão grande turba? Que perversão da mente é essa, que te permite maravilhares-te com um bosquejo de brios, e reputares em nada toda a verdadeira galhardia de alma? Mas seguramente padeces disso mesmo: tresvario. Olhas tão-só para a exterioridade da Cruz e não vês aquele valor extraordinário que se esconde sob sua aparência. Pois, em efeito, não é possível a um espírito acanhado, entenebrecido e manchado de torpezas suportar em alguma maneira o resplendor de tanta luz.²⁹

Depois desta introdução, o bispo passa a analisar os comentários de Maquiavel sobre Roma e o cristianismo; e sobre como esta doutrina teria diminuído os sentimentos de vitória, glória e virtude daquele que tinha sido o maior império conhecido até então. Naturalmente, Osório argumenta em prol dos cristãos e vai buscar novamente nos clássicos os pontos que considera válidos para rebater as acusações de Maquiavel. Sobre a questão do Império Romano, Osório escreve:

No que concerne ao Império dos Romanos, para que apontemos alguma coisa sobre essa matéria – embora pareça fora de propósito – este fulano tão sabido nos negócios políticos não lê nos doutíssimos varões que existem algumas mudanças e vicissitudes no estado das coisas, e que, em consonância com a natureza do mundo, há princípio e termo para as repúblicas, e que é impossível alcançar-se a imortalidade seja para o que for que viva debaixo da lua? Todas as coisas, tal como nascem, assim é forçoso, não só acabarem por sucumbir algum dia

²⁹ Ibid., p. 202.

como também serem finalmente anilados pelo rigor da morte devastadora.³⁰

Para Osório, o caminho que levou à ruína de Roma é o caminho trilhado por qualquer Estado ou império. Bireley aponta que Osório vai beber na *Cidade de Deus* de Santo Agostinho para afirmar que todas as coisas perecem e que não poderia ser diferente com nada que vivesse “sob a lua”.³¹ Somente o que proviesse de Cristo poderia ser eterno:

Sendo essa, portanto, a condição de todos os Estados, com tal evidência que não há alguém atinado que se maravilhe com a ruína que estes sofrem, e, pelo contrário, antes julgue que deve indagar-se com suma diligência a causa da sua permanência como se se trata de algo inverossímil – vem esse homem que se cuida a abarrotar a ciência política, e deplora a ruína e queda de Roma, e como se esta houvesse de ser imortal caso a religião de Cristo lhe fosse empeco, dessa sorte crimina o Filho de Deus. [...] Perguntas, ó homem cheio de vesânia, que outra coisa está na origem da assolação do poderio romano.³²

Toda a argumentação de Osório passa por esta questão. O Império Romano teria fenecido por meios naturais. Para o bispo, contudo, se algo acelerou esse processo, não foi a religião, mas a falta desta. Ele afirma que, há séculos, os romanos já viviam assolados por luxúria, volúpia e excessos, e que sua queda já havia começado muito antes do próprio Cristo nascer.

Portanto, deixem-se já os homens ignorantes de lamentar com impiedade o fim da República Romana. Renunciem a – com tresloucamento e pecado – assacar ao favor de Deus a culpa por aquela ruína. Entendam, de uma vez por todas, que só o nome de Cristo não sofrerá morte às mãos do tempo, e que a Sua glória, virtude, esplendor, poderio e recursos são sem contestação imortais e divinos. Como todas as restantes coisas são indisputavelmente perecíveis e

³⁰ Ibid., p. 202.

³¹ Robert BIRELEY, *The Counter-Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern History*, p. 15.

³² D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 203. (*Tratado da Nobreza Cristã*).

incertas, estão, portanto, constringidas a uma existência exígua; por isso, apenas o nome cristão, porque se escora na proteção divina, prosperará florentíssimo por toda a eternidade.³³

Depois de concluir sua análise sobre a “questão Roma”, Osório passa então para o brio militar, sobre o qual Maquiavel teria afirmado serem os cristãos culpados pelo enfraquecimento. Lemos assim, nos escritos do bispo, uma refutação longa e apaixonada, onde, segundo ele, a virtude militar nada teria sofrido nas mãos dos cristãos, muito pelo contrário. Destaca que Maquiavel, de forma vil, teria ligado os atos de bravura a uma certa ferocidade animal inspirada nos sangrentos sacrifícios pagãos e no medo frente à possível ira dos deuses.

E prosseguindo na refutação, diremos algo sobre o brio militar, que este impugnador considera muito avesso aos costumes e instituições cristãos: “Quem pode concordar, diz ele, em dar nome de virtude a este desprezo da fama, que costuma prescrever-se a todos os Cristãos? Com efeito, ninguém achará que deve expor-se aos riscos, se não estiver inflamado pelo amor da honra.” [...] então qual a razão dele se exprimir daquele modo, se os Cristãos também são zelosíssimos de glória? E apesar disso, há quem se empenhe em defender uma tal opinião, levado da loucura ou da impudência, para assim diminuir a dignidade dos Cristãos? Certamente que estes estão mui apartados do desejo de vanglória, no entanto impele-os com toda veemência o apetite da glória imortal e verdadeira. Dão de mão à fama dos homens, todavia esforçam-se com ardimento pela genuína glória, que se cifra em dar testemunho de Cristo, que tudo vê.³⁴

Prosseguindo esta argumentação, o bispo Osório apresenta uma distinção entre o trato dos negócios públicos e privados. Tal distinção é considerada por Bireley algo novo no século XVI, apesar de entender que Osório tenha bebido em São Tomás de Aquino para elaborá-la.³⁵ Maquiavel teria escrito

³³ Ibid., p. 207.

³⁴ Id.

³⁵ Robert BIRELEY, *The Counter-Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern History*, p. 16.

que Cristo ensinou que devemos retornar um insulto com bondade, não distinguindo pessoas e circunstâncias. Osório é veemente ao rebater o florentino, afirmando que os cristãos eram encorajados a mostrar paciência e moderação nos negócios privados, mas que, nos tempos de ameaça pública, eles sempre seriam os mais enérgicos, vigorosos, “campeões do bem público e da liberdade”, especialmente se a dignidade da religião estivesse envolvida. Para este caso, o bispo entende a paciência e a bondade como crimes fatais. Moisés e Davi teriam dado o exemplo e um sem número de imperadores católicos os teriam imitado. O próprio Cristo teria sido por demais severo com todos aqueles que desrespeitavam o louvor nos templos:

Quem tal assevere não ponderou a diversidade das situações, nem se dá conta que desigualdade de pessoas, de lugares, de tempos e de causas requerem tratamento desigual. Os próprios Cristãos que, em se tratando de injúrias e ofensas privadas, abraçam a moderação e paciência, esses mesmos, nos perigos públicos, revelam-se acérrimos e denodados defensores da comum salvação e liberdade, mormente quando também está em causa a dignidade da religião. Estimam que nestas circunstâncias a mansuetude é torpeza indigna e pecado ímpio. Provido desta índole foi aquele divino Moisés que, segundo testificam as Sagradas Escrituras, era o mais afável dos homens, o que não obstou a que, não só repelisse com brio singular as hostes dos inimigos, mas também aplacasse, com o suplício de não poucos, o ultraje com que a divindade fora ofendida. Desta sorte se mostrou David, que com a especialidade é gabado dos divinos profetas pelo merecimento da mansidão. Porém foi ele quem, com incrível destemor, desbaratou os ingentíssimos e mui pugnazes exércitos dos inimigos, e provocou enormes matanças entre os estrangeiros.³⁶

Este trecho não só confirma as afirmações de Bireley, como reitera a simpatia com que o bispo Osório olhava para a guerra, quando em nome da religião. Desta forma, outro ponto de conflito é aquele em que Maquiavel afirma

³⁶ D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 209-210. (*Tratado da Nobreza Cristã*).

que, segundo o Novo Testamento, a guerra seria mal vista, quiçá proibida. Para Osório, como vimos, o cristianismo aprova sim o uso da força em “guerras justas” ou situações que envolvam o bem público e a religião. Sobre esta matéria, conclui:

[...] O próprio Cristo acaso não nos instruiu assaz com o Seu exemplo até que ponto cumpria usar de mansidão, ou, ao contrário, em que sazão era mister afivelar a máscara da severidade, naquela ocasião em que flagelou rigorosa e violentamente – usando de azorrague – os sacrílegos que profanavam os recintos sagrados? [...] Não há, pois, motivo por que alguém menospreze a mansidão cristã, porquanto em tal feição está conjunta com a genuína fortaleza que nada pode existir mais estreitamente consorciado. Qualquer uma de ambas promana da mesma fonte, e cada uma delas alumia a outra com brilho extraordinário.³⁷

Os trechos que acima destaco, contendo os ataques mais veementes de Osório, todos se referem a afirmações de Maquiavel presentes nos *Comentários* – o que é perfeitamente compreensível, uma vez que é nesta obra que ele nos expõe de forma aberta suas opiniões no que se referia à Cristandade de seu tempo e dos tempos passados. Pode-se, contudo, perguntar como se ter certeza de que Osório também teve acesso a *O Príncipe*, obra que, apesar de trazer preceitos bem contrários à moral cristã, não atacava abertamente o cristianismo. Quase na conclusão dos *Tratados*, o bispo nos dá um parágrafo onde não fica dúvida de que ele tenha lido o opúsculo de 1513:

Aquele luzido autor, que industria os Príncipes na destruição da saúde pública, e que ensina a consolidar a força do mando, não tanto fundando-se na equidade e clemência, quanto na perfídia e crueldade – nomeie muito embora com o título que lhe apraza aquela vesânia furiosa, que em crime e desumanidade sobrepuja toda a barbárie,

³⁷ Ibid., p. 207.

contanto que ninguém em seu perfeito juízo dê assentimento a uma opinião tão estulta e ímpia.³⁸

Assim, Osório se encaminha para a conclusão de sua obra. Faz ainda algumas reflexões sobre a guerra, mas sempre reiterando pontos presentes neste Capítulo Terceiro.

Não ignoro que me alonguei neste excursão quiçá para além do necessário. Porém, caso alguém tome isto à conta de defeito, suplico-lhe, por um lado, que queira perdoar-me por uma falta de qual sou sumamente responsável; por outro lado lhe rogo que tenda a que esta divagação em forma alguma é alheia ao desígnio que tenho em mira. Sendo certo que, de facto, eu tinha ordenado discorrer acerca do esplendor da nobreza cristã, e porquanto aquele escritor toscano havia intentado obscurecê-la num escrito de impiíssimo jaez, achei que não devia desentender-me dele, mormente porque me parece que está largamente disseminado o número dos que, ou bem incitados pelos livros do tal, ou bem espontaneamente, quinhoam do mesmo desvario e pecado.³⁹

Conclusão

Na Introdução da edição de *Os Tratados* de 1996, lemos que às vezes tem-se a impressão de que Osório escreve os quatro livros iniciais somente preparando a crítica que aconteceria no quinto livro. Afirma Guimarães Pinto:

Ponderando esta última alínea, interroguei-me até se o temperamento arrebatado e passional de Osório não teria usado todo o restante corpo da obra (quatro livros) como exclusiva preparação do passo em que arremete contra o Florentino... Não seria a leitura de Maquiavel, cujos *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio* tinha visto a primeira edição em 1531, e a imediata percepção da ameaça que este facto entranhava

³⁸ Ibid., p. 208.

³⁹ Ibid., p. 216.

para o mundo teocêntrico, em que Osório cria, o verdadeiro motor da escrita do *De nobilitate*?⁴⁰

Não cabe aqui discutir se esta teria sido a intenção última de Osório, mas, por outro lado, o trecho reforça o entendimento de que a crítica do bispo é por demais direta e veemente. O que parece certo é que Osório compartilhava do mesmo conhecimento filosófico e histórico dos italianos do Renascimento, o que nos faz pensar que tenha tido acesso às mesmas obras às quais tiveram aqueles homens. Não é minha intenção, contudo, me aprofundar nas páginas dos *Tratados da Nobreza Civil*. Esta discussão fica como possibilidade para um novo trabalho. Não por desinteresse à obra, mas sim pelo foco que dou a meu artigo.

Como estudioso de Maquiavel, um ponto que sempre discuto em meus textos é o de que Maquiavel, diferentemente dos outros homens de seu tempo, fazia críticas de cunho profundamente estrutural à Cristandade. Não queria uma Igreja Cristã mais justa e honesta; queria uma outra religião, que melhor se adequasse às necessidades que, entendia ele, tinha sua pátria naquele momento. Sobre o desafio que Maquiavel lançava ao catolicismo, Skinner afirma:

Pode-se dizer que os autores jesuítas de fins do período quinhentista – notavelmente Possevino e Ribadeneyra, seguidos por Mariana e Suárez – constituem o primeiro grupo de teóricos políticos a perceber com clareza o notável desafio trazido pelo pensamento político de Maquiavel, especialmente porque introduzira uma nova moralidade política em consciente oposição aos princípios do cristianismo católico.⁴¹

O bispo Jerônimo Osório, todavia, ainda na primeira metade do Dezesesseis, teria compreendido bem tal mensagem e elaborado a crítica que acima pudemos conhecer. Assim, mesmo aconselhado por amigos a manter ponderação frente “aos escritos do tal florentino” o bispo persiste em seus ataques, o que lhe valerá, para Robert Bireley, um lugar no rol daqueles que

⁴⁰ A. Guimarães PINTO apud D. Jerônimo OSÓRIO, *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*, p. 22. (Introdução aos *Tratados da Nobreza*).

⁴¹ Quentin SKINNER, *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, p. 449.

inspiraram ou anteciparam o que os antimaquiavélicos escreveriam na segunda metade daquele século e em princípios do XVII. Penso ser difícil, depois de tão veemente crítica, não incluir Osório pelo menos em um “pré-grupo” dos antimaquiavélicos. Talvez não seja demais pensar que o primeiro dos grandes críticos de Maquiavel falava a língua de Camões.

Referências Bibliográficas e Fontes Consultadas

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus contra os pagãos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

ALBUQUERQUE, Martim de. *A Sombra de Maquiavel e a Ética Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Instituto Histórico Infante Dom Henrique, 1974.

BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e Artificio: Iberismo e Barroco na formação Americana*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

BIRELEY, Robert. *The Counter-Reformation Prince: Anti-Machiavellianism or Catholic Statecraft in Early Modern History*. Chappel Hill and London: The University of North Caroline Press, 1990.

BLEZNICK, Donald W. Spanish Reaction to Machiavelli in the Sixteenth and Seventeenth Centuries. In: *Journal of the History of Ideas*, v. 19, n. 4 (Oct., 1958), pp. 542-550.

BOTERO, João. *Da Razão de Estado*. Coimbra: I.N.I.C. Centro de História da Sociedade e da Cultura, 1992.

CHABOD, Federico. *Escritos sobre Maquiavelo*. México D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 2005.

GILBERT, Allan. *The letters of Machiavelli*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

HERMANN, Jacqueline. *1580-1600 – O Sonho da Salvação*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, José Elias. *Giro Lingüístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, s/d.

MARAVALL, Antonio. *Estudios de Historia del Pensamiento Español*. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1984.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. 4. ed. Editora UNB: Brasília 2000.

_____. *O Príncipe*. Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1999.

_____. *Escritos Políticos*. Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1999.

OSÓRIO, Jerônimo. *Tratados da Nobreza Civil e Cristã*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Maquiavel*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

VAZ, Henrique. Modernidade Filosófica e Religião. In: *Revista Síntese: Nova Fase*, v. 18, n. 53, 1991, pp. 47-165.

VIEIRA, Padre Antônio. Papel que fez o Padre Antônio Vieira a favor da entrega de Pernambuco aos Holandeses. In: VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. Porto Alegre: Editora Vozes, 1984.